



## **Editorial**

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

O primeiro artigo deste número de *ECO-REBEL*, “Climate change and new life conditions imply transformation of our cultural orders - A Dialectical Eco-linguistic contribution to an eco-civilized development”, é assinado por um dos criadores da chamada Escola Ecolinguística de Odense (Dinamarca), Jørgen Chr. Bang, juntamente com dois outros membros da escola, Jeppe Bundsgaard e Anna Vibeke Lindø. A propósito, Bang assina também o obituário de seu colega de pesquisa Jørgen Døør, como se verá mais abaixo.

O segundo texto, “Eugenio Coseriu: precursor da ecolinguística”, de Márcio M. G. Silva é uma detalhada investigação filológica com o fito de mostrar que ao longo de toda sua carreira este linguista romeno defendeu a tese de que a língua é basicamente interação e o que se chama gramática ou estrutura é um construto forjado pelo linguista ao observar as pessoas interagindo comunicativamente.

O texto número três, de Ubirajara Moreira Fernandes, intitulado “Tatiana Slama-Cazacu: linguista ecossistêmica *avant la lettre*”, vai na mesma direção do de Márcio Silva. Ele mostra que a psicolinguista romena Slama-Cazacu não só defende a mesma tese que Coseriu (língua como interação). Ela foi muito além, de modo que suas teses são inteiramente compatíveis com as da linguística ecossistêmica. Entre suas ideias incluem-se a visão holística da linguagem e a multimodalidade dos atos de interação comunicativa.

O quarto ensaio, “A (de)colonialidade em personagens de *O sertanejo*: Representações alencarinas à luz da Ecocrítica”, de Elisângela C. D. Sarmiento & Geraldo J. B. de Moura, discute as representações do sertanejo em *O sertanejo* de José de Alencar, partindo da análise do discurso e da ecocrítica. Nas palavras dos autores, nota-se a “predominância da colonialidade, embora se perceba, de forma incipiente, o despontar de uma visão contra-hegemônica, que busca a emancipação dos indivíduos”. No contexto da inter-/transdisciplinaridade, a discussão tem por pano de fundo “as relações do homem com o ambiente natural e sociocultural.”

Em quinto lugar vem “Ecolinguística e antropologia do imaginário”, de Elza Kioko N. N. do Couto. Como o título já deixa entrever, o artigo retoma as afinidades que existem entre a antropologia do imaginário de Gilbert Durand e a linguística ecossistêmica.

## ECO-REBEL

O texto número seis é “Sintropia Comunicativa: a Eco-Semiose em Agro-ecossistemas Sintrópicos e Autopoiéticos”, de Marcelo M. Santos. Ele discute interação interespecies, aí inclusa a humana, como se vê na agricultura sintrópica de Ernst Götsch, “articulando as teorias sistêmicas desenvolvidas por Humberto Maturana, Edgar Morin, Ilya Prigogine e Jorge Albuquerque Vieira em conjunto com a Semiótica de Charles Sanders Peirce”. É um ensaio em “eco-comunicação” como “matriz para o desenvolvimento de agro-ecossistemas sinérgicos e autopoiéticos”.

O sétimo e último artigo, de “Hildo Honório do Couto”, porta o título aparentemente estranho, “A língua não é uma coisa, é motraive”. Ele discute a questão da dificuldade que uma ciência humana como a linguística e, mais especificamente, a linguística ecossistêmica, tem para fazer o leitor entender que os conceitos que ela usa não têm o mesmo valor que têm na linguagem comum. Como nessas ciências é muito difícil uma formalização matemática como na física e na química, o ensaio sugere o uso de acrônimos, no caso, “motraive”, como uma fórmula para “língua é o modo tradicional de os membros de uma comunidade interagir verbalmente”.

A seguir vem uma minirresenha do livro *Framing Discourse on the Environment: A Critical Discourse Approach*, de Richard Alexander, por Ubirajara Moreira Fernandes. A despeito do fato de o livro ser de 2009, vale a pena ser trazido ao conhecimento dos leitores de *ECO-REBEL*, pois, como já salientado em números anteriores, o objetivo é trazer aos leitores o máximo de informação possível.

A seguir deveria vir uma entrevista com o Richard Alexander, mas, como ele parou de responder a nossas mensagens, inclusive a que já continha as perguntas, não foi possível concluí-la. Por isso, resolvemos apresentar um *link* para duas entrevistas de Louis-Jean Calvet, que, a despeito de se considerar mais sociolinguista do que ecolinguista, toda sua obra se enquadra nos parâmetros da ecolinguística, sobretudo a ecologia das línguas.

Por fim, temos o obituário do ecolinguista dinamarquês Jørgen Døør, assinado por seu parceiro de pesquisa de longa data Jørgen Christian Bang, ambos do que já foi chamado de Escola Ecolinguística de Odense (Dinamarca).

Boa leitura a todas e a todos!